



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MARTINS SARMENTO

CALDAS, José

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

CALDAS, José, Martins Sarmiento *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 67-68.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

UMA das maiores desgraças, senão, em meu juízo, a principal, que póde succeder a um escritor, que se consagra a uma obra util, é ter, para instrumento das suas revelações, uma lingua que poucos entendem. Todo o seu esforço resulta, infelizmente, senão inteiramente perdido, ao menos tão profundamente attenuado, que qualquer manifestação de justiça, que lhe possa ser consequencia, tem de ser longa, muito longa e tardia mesmo, indo quasi sempre muito além da vida do homem que lhe serviu de objecto.

É este, em meu entender, um dos mais solidos contratempus que, para uma segura critica dos trabalhos de Francisco Martins Sarmiento, offerecem os seus principaes livros: — *Os Argonautas* e a *Ora Maritima*.

Não ha duvida, que estes seus dois livros, principalmente o primeiro, representam uma somma incalculavel de investigações originaes, muitas d'ellas dignas e crédoras de um profundo exame critico. A completa deshellenisação da Argonautica, com a feição cananeana que se lhe offerece, constitue, só de per si, thema valiosissimo, bastante, por todos os motivos, a chamar, sobre o seu estudo, toda a attenção dos mais illustres mytographos. As soluções propostas por Francisco Martins Sarmiento, não podendo considerar-se na sua completa totalidade definitivas, accusam, todavia, maneiras superiormente engenhosas de encarar o problema. A negação das faculdades aventureiro-maritimas do povo grego, ao tempo da colonisação de Gades por parte das tribus phenicias de Tyro, opinião já desde muito apresentada por Ch. Otfried Müller, na sua obra sobre a expansão dos minyenos pelas regiões da Beocia (*Orchomenos und die Minyer*; Breslau, 1820), e que Francisco Martins Sarmiento segue e adopta na sua these, seria, para o caso, um excellente ponto de partida, tanto mais quanto o illustre hellenista allemão, pela temeridade das suas affirmativas sobre a origem asiatica dos primitivos habitantes das margens do Egêo e do Adriatico, bem como da sua autochtonia religiosa (Emil. Burnouf., *Hist. de la Litter. Grecq.*, I, préfac. 5.) não é bussola demasiado segura, para que a tomemos, sem prudentes reservas, para qualquer genero de exploração scientifica.

No emtanto quem ainda, até hoje, lá fóra, se deu ao trabalho de com vagar, com consciencia, e, sobretudo, com auctoridade, apreciar as conjecturas, algumas d'ellas filhas de um altissimo bom senso, do nosso illustre compatriota? Que eu saiba, ninguem.

Claro que, quando assim fallo, intencionalmente excluo qualquer referencia fugaz e ephemera, inserta nas secções bibliographicas das revistas especiaes, e que, em regra, nenhuma idéa segura nos fornecem do estudo, livro ou *memoria*, que, ostensivamente, apreciam.

E, no emtanto, porque é que ainda não appareceu essa critica, longa, conscienciosa e sobretudo, e acima de tudo, auctorizada? Porque a obra de Francisco Martins Sarmiento não seja digna d'esse exame? Por modo algum: — simplesmente porque a lingua em que elle escreveu é, infelizmente, para o mundo da sciencia e da litteratura, uma lingua mais morta, que o idioma primordial dos Aryas do Oxos.

Assim, toda a obra de glorificação util d'esse extraordinario trabalhador se deve hoje, em meu juizo, circumscrever, não a exageros sentimentaes, que pouco ou nada provam, mas a uma trasladação, superiormente annotada, para qualquer das tres linguas principaes da Europa, d'essas duas valiosissimas *memorias* sobre a geographia dos tempos heroicos. E isto, entenda-se bem, não no intuito de assoalhar vaidades, senão que no nobre proposito de chamar sobre tal genero de estudos a attenção dos que, com auctoridade, os possam apreciar, quer seja para os corroborar no que elles possam conter de hypothetico ou conjectural, quer para os definir, ou mesmo combater. Porque com os recursos da sciencia nacional não ha, infelizmente, com que contar.

E haverá quem se abalance a semelhante empreza?

Não sei.

O que sei é que, sahindo a lume, no Porto, pelos primeiros mezes de 1887, *Os Argonautas* de Francisco Martins Sarmiento, e sendo, precisamente, esse o anno em que, pelos meados do estio, se deram á estampa os valiosissimos commentarios e preciosas annotações de M. Jules Vars sobre a *Arte de marear dos antigos*, devida ao professor A. Breusing (*Die Nautik der Alten*), nenhuma referencia, no que toca á lenda de Iason, se faz ahi, como seria natural, sobre a solução proposta, mezes antes, pelo nosso illustre investigador. E, succederia isto, se, pelo menos, *Os Argonautas* fossem escriptos em francez?

O mesmo, exactamente se dá com o celebre historiador Duruy. É por 1887, que o sabio auctor da *Histoire des Grecs*, revê, corrige e publica a edição definitiva da sua obra monumental, em tres volumes (ed. Hachette et Cie). Pois bem: no cap. III, §. III, pag. 96 (*Guerre de Thèbes; les Argonautes*), lá vem a expedição á Colchida, vasada nos mesmos moldes classicos, apenas com a alteração (pag. 104) de ser imputada á actividade maritima dos phenicios a lenda poetica do Hercules de Tyro:—a personificação heroica da expansão cananeana para as regiões do occidente. Se Duruy conhecesse as soluções de Francisco Martins Sarmiento, elle que, no assumpto, faz mais que Vars, que Breusing, que E. Vinet e que E. Saglio, não as apreciaria?

Por certo.

Assim, permittam-me que insista:—por meio de uma divulgação intelligente e acurada, importa que as opiniões de Francisco Martins Sarmiento, sobre a façanha grega ou phenicia dos Argonautas, entrem no numero das que Heyne, Burmann, Gerhard, Grot, Otfried Müller, Th. Müncker, sem excluirmos mesmo a interessantissima informação de Pindaro (*Πυθιον. IV., Επικρδ. I., 17, 170, 190, et seg. metr. Dissen.*) offerecem, desde seculos, a esta materia.

Seria a mais nobre e, ao mesmo tempo, a mais duradoura de todas as homenagens, e o ouro, emfim, do melhor toque com que a cidade de Guimarães—pois que, com o paiz, inutil senão ridiculo seria contar—pagaria o feudo da sua grande saudade, da sua immensa e justa veneração por um dos seus mais illustres filhos.

Tudo mais será fumo, que o sópro do tempo desfará depressa.

Azurara, 14 de novembro de 1899.

José Caldas.

